

Notas de Campo.

09.Outubro.2013

Sumário: Continuação da aula anterior, música prática. Canon de Pachelbel.

Nota. Este ano as turmas de 8º ano sofreram algumas alterações a nível da ed. Musical, passando a ter a disciplina semestralmente, ou seja de setembro a janeiro/fevereiro e de fevereiro até ao fim do ano letivo, havendo uma troca não de turnos dentro da mesma turma (como em anos anteriores) mas de turma com turma, ou seja turma A com turma B, o que limita a nível de tempo (visto terem metade do tempo em educação musical).

O programa mantém-se o mesmo, ou seja história da música, o que não ajuda visto ter que ser dada de forma (ainda) mais “apressada”, a fim de compensar a falta de tempo disponível para a disciplina, e ligeira do que se houvesse um ano completo.

A nível de turma, já tinha trabalhado com ela o ano passado, o que pode facilitar a implementação do projeto. A turma é composta por cerca de 28 alunos (confirmar na lista). Na generalidade não é muito problemática e já está habituada à forma de trabalho da prof cooperante, o que faz com que haja disciplina e ordem durante a aula.

A aula de hoje girou em torno da Canon de Pachelbel (música barroca). A fim de se diversificar a peça, esta trabalhada não só com flautas mas também com instrumental orff. A decisão de incluir orff deveu-se ao facto de haver alguns alunos CEI, e de outros terem bastantes dificuldades com a flauta. Assim sendo, para além de se diversificar timbricamente a peça, todos podem participar. Os instrumentos que foram distribuídos foram metalofones e xilofones soprano, alto e baixo, jogo de sinos tamborim e triângulo (dos orff), assim como flautas de bisel.

A peça foi estruturada da seguinte forma, sendo um Canon era possível haver repetição de uma parte da linha melódica, sendo transformada num pequeno ostinato melódico. Foi apresentada a pauta aos alunos e foi ensinada a parte que eles iriam tocar, ou seja o dito ostinato melódico, sendo este quatro compassos com mínimas a fazer a escala de sol Maior a partir do si da terceira linha até ao ré e do ré subiam para o fá #, ficando (de dois em dois tempos) si, lá, sol, fá#, mi ré, mi fá#. Após a memorização da linha melódica, foi decretada uma sequência de entradas dos diversos instrumentos, sendo um canon implica que cada voz (neste caso grupo) entre em sequência, uma após a outra, num sentido prático, começavam os baixos (metalofones e xilofone baixo) com o ostinato rítmico, que mantinham, depois entravam as flautas, no mesmo esquema e

depois as restantes laminas e instrumentos de percussão de altura indefinida. Nas flautas existia uma exceção, uma aluna que já tem conhecimentos musicais e competências suficientemente avançadas para conseguir tocar a peça toda sem ter que se manter no ostinato melódico, sendo ela a única a tocar a peça seguindo a partitura (ou seja, lendo), embora fosse, enquanto ensinava as posições na flauta e os tempos (por transição oral) mostrando na pauta onde estávamos e o que estávamos a fazer. Esta peça foi trabalhada com auxílio instrumental, que podia ter a parte da flauta para orientar, ou não, embora tivesse sido sempre feito com a parte da flauta.

Já no fim da aula, e como esta música não era complicada de se montar, passei para a música na idade média com uma pequena apresentação a fim de introduzir o tema, onde abordei a predominância da música sacra e da importância que esta tinha na altura, assim como a diferença entre a música religiosa e a música profana, apresentado alguns exemplos musicais. As reações dos alunos mudaram quando passei da música religiosa para a música profana. Foram abundantes os comentários em tom de gozo quando se falou na música religiosa, contudo foi sublinhado que poderíamos não gostar do tipo de musica mas que dever-se-ia respeitar. Quanto à música profana, os comentários eram “mais leves” sendo relacionados com dança, “ Isto parece música de dança”

16.Outubro.2013

Sumário: Música trovadoresca, géneros e características. Prática instrumental da peça “ Ay linda amiga”.

Nesta aula abordei a música trovadoresca, o que é, quais as principais características, quais os principais trovadores, a origem do termo e qual a diferença entre trovadores, troveiros e jograis. Foram abordados alguns géneros de música trovadoresca, cantigas de amor, cantigas de amigo, escarnio e mal dizer, assim como as características de cada uma delas, sendo apresentado um exemplo auditivo para cada uma delas.

Após esta breve introdução do tema foi apresentada a peça a ser trabalhada. O arranjo foi feito para que fosse possível trabalhar três vozes, flautas na voz principal (melodia) baixos a fazer um bordão e percussão de altura indefinida a marcar o ritmo (tamborim ou pandeireta). Comecei a trabalhar a parte das flautas com um breve aquecimento tendo como base a escala de Dó M, ou seja fazendo a escala ascendente e

descendente com várias articulações, ligada, articulada com t (stacatto), e com alternâncias de velocidade, começando sempre num tempo lento, a primeira vez que se fez a escala, e depois acelerando na segunda e terceira vez que a escala foi feita. Na segunda parte do aquecimento foi feita uma sequência que incluía as notas sol, sol#, lá, si e dó, sendo feita de forma ascendente e descendente a fim de se introduzir o sol# (novidade na dedilhação da flauta). A sequência era sol, lá, si dó, si lá, sol, lá, sol#.

Começou-se a “ler” a peça. Sabia que apenas uma aluna conseguiria “ na hora” ler a partitura da peça, então optei por ensinar a música por transmissão oral/imitação, fazendo primeiro eu para exemplificar e mostrar as posições e depois eles. Esta forma de trabalho acabou por mostrar-se pouco eficaz, tendo em conta o tempo que se demorou no “ faz e imita” e pouco da peça ficou ensinado, que não coincidiu nem a metade da peça.

Reflexão sobre a aula.

Um momento que poderá ter ajudado nesta estratégia falhada, foi o tempo que demorei na parte teórica da aula, demorei demasiado tempo a explicar os diversos tipos de música trovadoresca e com os exemplos auditivos, acabando por dar pouca importância à parte prática da aula.

Sugestões:

- Tentar trabalhar com eles usando o sistema modular, ou seja, cada aluno ou grupo de alunos toca uma parte da peça. Este sistema obriga os alunos a estarem com atenção ao que os colegas fazem para saberem quando têm que entrar e que parte lhes compete tocar.

- Usar a peça que é trabalhada como forma de aquecimento nos instrumentos melódicos.

23. Outubro.2013

Sumario: Continuação da aula anterior – prática instrumental da peça “ Ay linda amiga”.

A sessão desta semana focou-se na peça “ Ay linda amiga” a fim de terminarmos a montagem da mesma. Para facilitar o processo, e também por uma questão de tempo, dividiu-se a turma em dois grupos, ficando um grupo responsável pela parte melódica (nomeadamente flautas de bisel) e o outro por um acompanhamento da peça (ou seja tudo o que fosse percussões quer de altura definida quer de altura indefinida).

Havendo duas professoras em sala de aula, pedi à professora da turma que orientasse as percussões enquanto eu orientava as flautas de bisel, mesmo sabendo que este tipo de trabalho em parceria pedagógica não é, de todo, contemplado pelo projeto, esta opção estratégica deve-se, sobretudo, por uma questão temporal.

A fim de facilitar a aprendizagem na parte melódica da peça, eu decidi usar um método ao qual a professora da turma chama de “ método modelar”, ou seja dividir a peça por partes, assim como a turma por grupos, e atribuir uma parte a cada grupo, este tipo de trabalho obriga os alunos a estarem atentos não só ao que eles estão a fazer mas também ao que os colegas estão a fazer, em que parte da peça é que vão, para que eles possam entrar na altura certa. A peça foi dividida por frases, quatro frases melódicas, que foram distribuídas uma por grupo, entre os quatro grupos (tendo como referencia as filas dos lugares onde estes estavam sentados), formados por três a quatro alunos.

Antes de passar para a peça, foi feito um pequeno aquecimento com as flautas, inicialmente pensei em fazer tendo como base a musica, mas acabei por fazer um exercício baseado na escala de Dó M, usando um ficheiro áudio disponível na wix (site feito pelos professores da disciplina onde estes disponibilizam não só a matéria a ser lecionada mas também exercícios, peças e ficheiros áudio para os alunos poderem treinar em casa, sendo também usado como ferramenta de sala de aula).

Embora tivesse chegado à conclusão que ensinar por imitação poderia não ser a melhor estratégia para ensinar a peça, acabou por ser esta a ser seguida, tendo tido outro resultado, visto que o numero de alunos (por frase) era mais reduzido, o que facilitava na aprendizagem da mesma. Dirigia-me a cada grupo e ensinava a parte que lhes competia, a “passo de caracol” e repetindo várias vezes até ficar minimamente interiorizado, nota a nota ia explicando as posições e os tempos das notas.

Depois de ter dedicado tempo a todas as partes, decidi experimentar montar o “ puzzle”, fazendo num tempo lento, ia dando entrada aos diversos grupos na devida altura e tocava cada um a sua parte. Não foi, de todo, um trabalho desorganizado, apesar das dificuldades que alguns alunos tinham, não na dedilhação mas na compreensão dos ritmos, até que conseguiram (de uma forma geral) fazer a parte que lhes competia. Após algumas repetições da peça, sem qualquer suporte áudio, tentei que eles tocassem com a gravação, tendo experimentado das duas primeiras vezes sem percussão e depois com ela. Nesta fase comecei a aperceber-me que os alunos começaram, por autonomia, a experimentar tocar a peça toda, sendo poucos os que se cingiam à sua parte, inclusive um dos alunos perguntou “ stora não era suposto nós só tocarmos a nossa parte?”, a qual

eu respondi “ Sim! Mas nesta altura quem conseguir tocar a musica toda, pode faze-lo, mas quem não conseguir toca só a sua parte!”. Depois desta resposta a maioria começou a aventurar-se pela música toda. A peça foi tocada, mais algumas vezes, até haver uma melhor consonância entre flautas e percussão. Quanto a percussão, nomeadamente laminas, optou-se por usar a escala pentatónica visto que a maioria dos alunos que estavam na percussão para além de terem muitas dificuldades, alguns eram CEI.

Reflexão sobre a aula:

-Apesar de a aula ter corrido de forma razoável e de se ter conseguido ensaiar e trabalhar a peça, esta aula foi feita em colaboração, ou seja com orientação da professora da turma, daí o ter corrido como correu.

Com uma pessoa só torna-se complicado fazer este tipo de trabalho, visto que enquanto se está a trabalhar com uma parte da turma, a outra acaba por começar a conversar dando um ambiente “ menos sossegado” à aula.

30. Outubro.2013

Sumario: Música medieval. Prática instrumental e dança da peça “ Istampitta Saltarello”. Revisão das peças já trabalhadas.

-Embora o sumário da aula tivesse sido escrito com uma determinada ordem, optei por alterar a mesma de forma a dar mais tempo para a dança, começando assim por fazer uma pequena revisão das peças que já tinha trabalhado e deixar a nova para o fim. Os instrumentos foram distribuídos e foi feito um pequeno aquecimento com as flautas de bisel, como na aula anterior (sendo o exercício o mesmo). Fez-se uma breve revisão da parte das flautas da peça “ Ay linda amiga”, sendo esta feita por grupos, ou seja cada grupo tocava a sua parte, no entanto já havia um considerado numero de alunos capazes de tocar a peça toda e, à semelhança da aula passada, um aluno suscitou uma duvida “ stora quem sabe tudo toca como na aula passada?”, ao qual a minha resposta manteve-se, quem já sabia tudo tocava tudo, quem apenas sabia a sua parte tocava a apenas a sua parte.

A peça foi revista e passada com gravações cerca de três/quatro vezes e, apesar do género musical da peça, teve bastante aderência (se compararmos com o canon de Pachelbel) por parte dos alunos que ficaram com a parte melódica, quanto à parte da percussão, estes não se negam a tocar e até se esforçam, embora o rigor não seja tanto visto estarem a fazer a sua parte com base na escala pentatónica, não tendo “ notas para

ler ou decorar”, como já mencionei este facilitismo proveio de duas razões, consideradas válidas, sendo elas o tempo e o haver alguns alunos CEI (com currículo alternativo/ necessidades educativas especiais), tendo também outro fator importante que é o numero de alunos por turma,. O facto da turma ser grande torna complicado o estar a ensinar aluno a aluno a sua parte

Na segunda parte da aula começou-se a ensaiar a coreografia da nova peça. Esta dança já tinha sido usada em situações anteriores (nomeadamente feira medieval, com outra turma, e teatro do clube da escola) o que de certa forma facilitou a aprendizagem da mesma, visto alguns alunos da turma frequentarem o clube de teatro da escola. Houve uma reorganização do espaço de sala de aula, de forma a ganhar-se espaço para se dançar e dividiu-se a turma em dois grupos. A dança pressupõe um numero equilibrado de rapazes e raparigas e embora não houvesse este equilíbrio, e houvesse também que não dançasse mas que fosse tocar este tema (quer melodia quer percussão) optei por ensinar a dança à turma toda.

A dança consiste em sequencias de quatro tempos. Formando duas filas (frente a frente), cada aluno tem um par (do sexo oposto) e, numa fase inicial, marcam marcha no lugar de quatro tempos, depois as filas (também em marcha de quatro tempos) movimentam-se para o lado, em lados opostos, ou seja uma vai para a direita e outra para a esquerda havendo uma separação dos pares, e regressando aos lugares iniciais. Repetem os quatro tempos de marcha no lugar e, marcando mais quatro tempos, vão à frente (encontrando-se com o seu par), cumprimentam-se, com uma vénia e voltam para o seu lugar. A segunda parte da dança acaba por ser uma repetição da primeira, com a diferença de que quando os pares vão ao centro encontrar-se com o seu par, não se cumprimentam com a vénia mas juntam as mãos e rodando trocam de lugar. Repetindo depois tudo de novo mas de forma contrária. A dança termina com a vénia dos pares quando estes se encontram ao centro.

A dança foi explicada aos alunos e estes demonstraram diversos tipos de reações, a maioria negativas (o que por si poderá descrever a perceção que têm deste estilo de música). Reações e comentários como “ Héée. Oh stora?! Vénia?”, “ Os rapazes também fazem como as raparigas?”, “ E temos de fazer assim?” (referindo-se à vénia), ao qual respondi (um pouco em tom de paródia), “Não! Podem sempre fazer assim!” (Demonstrei uma vénia masculina, mas em vez de manter o braço para a frente, fazia círculos com a mão ligeiramente a cima da cabeça, vindo depois abaixo e ficando

a frente, junto à barriga), esta vénia ainda suscitou mais reações mas um pouco em tom de brincadeira.

Nota. Devido a um imprevisto pessoal tive que deixar a aula 15 min mais cedo, pedindo à professora que continuasse o trabalho, como esta conhecia a coreografia não haveria grande problema, continuando o trabalho que eu comecei.

Reflexão sobre a aula: A minha preocupação foi em conseguir controlar a turma, não é que estes sejam problemáticos, mas como todos os jovens quando “vêm uma aberta” a conversa torna-se o centro das atenções, levando à desconcentração e distração.

Uma situação que me chamou à atenção quando íamos começar a ensaiar a dança foi de um grupinho de cinco alunos que se formou junto às mesas a dizer que não dançavam, perguntei-lhes porque não e as respostas foram “ Não gosto!”, “ Não sei dançar stora!” e eu respondi-lhes para virem experimentar e depois logo diziam sua justiça. Quando estes estavam quase a ceder algo aconteceu (da qual eu não me apercebi nem compreendi muito bem) e “ voltaram à estaca zero”, repetindo as falas já ditas, não gosto ou não sei.

Embora não tenha muita experiencia em campo, eu tento sempre fazer uma abordagem positiva com eles, com base na confiança, penso que não há necessidade de exercer autoridade se soubermos levar as coisas por um caminho diferente e mais pacífico, embora saiba que isso nem sempre resulta e que pode ser um falso caminho, no entanto eu disse-lhes “ Eu não queria passar do pedir ao mandar! Podemos ir então?”, de facto eles acabaram por vir!

Nota. Eu sei que enquanto profissional mal comecei a gatinhar e mal tenho defesas e soluções para os desafios que me esperam, mas penso que devemos estar numa constante procura de como lidar com os alunos e, embora a força e a autoridade possam ser armas a recorrer, penso que não se deve fazer disso um sistema. Deve-se tentar levá-los pelo bem sem andar sistematicamente a medir forças, ou seja, como disse acima, tentar leva-los pelo lado da confiança e não da desconfiança.

06.Novembro.2013

Sumário: Continuação da aula anterior.

Avaliação prática da peça “Ay linda amiga”.

-Tendo em conta o tempo de aulas que resta com esta turma, a professora teve que realizar nesta sessão a avaliação pratica da mesma. Inicialmente a avaliação iria ser feita com a peça Canon, visto ter sido uma das que já estavam trabalhadas, no entanto as reações dos alunos foram de certa forma inesperadas. Tendo reagido de forma negativa a esta peça como sendo para a avaliação e questionando se poderia ser a “Ay linda amiga”, afirmando que se sentiam mais a vontade com esta última. Estas reações fizeram-me questionar “ porquê”, visto que cronologicamente o Canon é mais recente e costuma despertar maior interesse tanto a nível musical como a nível de análise (embora esta ultima não seja relevante).

A sala foi preparada com os instrumentos orff, pelos alunos vistos eles já saberem quem toca o quê e onde é que estão quer os instrumentos quer as baquetas para os mesmos, foi feito um aquecimento à semelhança das outras aulas e foi feita uma breve revisão da peça. A avaliação foi feita em grupos de quatro alunos (tendo dado quatro grupos, no que toca às flautas). Não esquecendo que esta peça foi ensaiada por partes, em cada grupo havia um aluno que tocava partes diferentes da peça, não sendo eles “ obrigados” a saberem a música toda, tendo que saber bem a sua parte, no entanto era feita uma avaliação diferente aos que conseguissem tocar a musica toda.

Durante as avaliações existiram diversas surpresas, nomeadamente de alunos que se pensavam ser “ mais fracos” mas que mostraram ser capazes de tocar a peça toda. A avaliação foi feita à capela, ou seja sem qualquer suporte áudio como forma de ajuda o que facilitava para quem os estava a ouvir e a avaliar, porque conseguia detetar erros e associa-los a quem os fez. Nesta parte da avaliação a professora da turma deu-me “liberdade” para ser eu a avalia-los, vendo depois as cotações que eu indicava para cada aluno consoante cada parâmetro avaliado (afinação, postura, ritmo, musicalidade etc.) e alterando caso não concordasse. Nos instrumentos orff a avaliação foi diferente, foi posta a gravação da música para que eles pudessem tocar como acompanhamento

Nota. Embora este tipo de aula não faça parte do projeto, foi uma experiencia interessante, ter um contacto com a avaliação do alunos e assim poder melhor compreender como esta funciona e quais os parâmetros válidos.

13.Novembro.2013

Sumário: Prática instrumental e dança da peça “ Istampitta Saltarello”.

Experiencia com boomwhacker.

- Nesta aula foi trabalhada a peça que falta para a apresentação final, “Istampitta Saltarello”, que conta não só com parte instrumental mas também com parte coreografada. Nesta aula fez-se uma pequena experiencia com um material didático chamado boomwhacker, consiste num conjunto de tubos coloridos, onde cada tubo colorido corresponde a uma determinada altura sonora, sendo distinguidos por cores. Esta experiencia teve como objetivo, não só diminuir o número de dançarinos devido ao espaço mas também, incluir os alunos com necessidades educativas especiais. Com esta pequena adição estes alunos fizeram uma segunda voz da peça (acompanhamento) onde predominavam as notas lá e dó. Para além deste trabalho com esta nova aquisição escolar, também se esteve a trabalhar a melodia principal com os três alunos, inicialmente quatro mas um dos alunos não estava a conseguir toca a peça então perguntou se era possível em vez de tocar dançar, que tinham sido destacados para tal, tendo sido escolhidos aqueles que menos dificuldades têm na flauta de bisel, tendo em conta o grau de dificuldade da peça (embora não seja muito complicada já exige uma determinada destreza a nível de dedilhação). Embora não tenha conseguido ensinar a peça toda, devido à sua extensão a parte que foi ensinada ficou mais ou menos estruturada e em dedos, mesmo a nível de velocidades eles já demonstravam vontade de querer avançar e de “ tocar mais”, digo de arriscarem mais.

Nota. Inicialmente o objetivo era que a peça fosse toda tocada (sendo ela composta por três partes) no entanto dada a extensão e dificuldade (principalmente nas segunda e terceiras partes) desta decidiu-se cortar, ficando apenas a primeira parte em loop, sendo repetida três vezes e a quarta salta à segunda vez.

Nota. Uma situação curiosa desta aula foi a posição que um dos alunos, que estavam com flauta de bisel, adotou, vendo que a peça poderia não ser assim tão fácil, adotou uma postura derrotista (coisa pouco comum nele) e pediu para tocar outra coisa, inicialmente eu não me opus, não queria que ele fizesse o que quer que seja obrigado, no entanto já perto do fim da aula a opinião dele mudou, não tendo desistido de tocar flauta de bisel.

Nota. O uso dos boomwhackers não estava, de todo, planificado no entanto revelou-se uma boa solução tanto como forma de dinamização da peça como para inclusão de

alunos com mais dificuldade, para além de que permitiu que alunos que ainda não tivessem experienciado instrumentos de percussão o pudessem fazer (visto que estes para que produzam som têm que ser percutidos), para além de que seria complicado incluir alguns alunos na dança, tendo em conta as suas dificuldades e também o número de alunos (que devido ao espaço não poderia ser demasiado extenso).

20.Novembro.2013

Sumário: Continuação da aula anterior.

Introdução da dança à peça “Saltarello”.

Revisão das peças já estudadas.

-O objetivo desta aula foi juntar as peças do puzzle e acabar de montar a peça da qual que se tem trabalhado nas aulas anteriores, ou seja juntar dança, percussão e melodia. Após uma análise breve da peça, entre mim e a professora da turma, chegou-se à conclusão que esta era, realmente, demasiado extensa e que isso poderia comprometer a prestação dos alunos visto a experiência em música prática dos mesmos. Por isso decidiu-se que apenas será executada a primeira parte da peça, sendo esta repetida três vezes e chegando à quarta vez salta para o fim.

Quanto à dança, e à semelhança da última aula, inicialmente a resistência ainda era um obstáculo, obstáculo esse que gradualmente foi sendo posto de parte, pelos próprios alunos que inicialmente ainda se ouvia “ eu não quero dançar” de um momento para o outro uma aluna chegou-se à frente e disse “ vá bora lá dançar!”. “Reensinei” a coreografia e depois de algumas repetições, acompanhados pela secção rítmica (sendo esta um ostinato rítmico colcheia semínima em doze por oito executado pela pandeireta e pelo tamborim) de forma a que os dançarinos tivessem a noção do tempo e o pudessem associar aos passos, e também para que se pudessem libertar um pouco, da mesma disse-lhes para dançarem sozinhos (sem mim) mas que seriam acompanhados pela melodia. Aos poucos ia-se introduzindo quer a melodia quer a percussão à dança. O objetivo desta aula foi cumprido, sendo este conseguir juntar música, percussão e dança, de facto as coisas correram bem, a coreografia e a percussão ficaram aprendidas e assimiladas e a melodia estava praticamente em dedos.

Reflexão sobre a aula: Um dos momentos que penso ter sido interessante foi quando fiz uma pequena chamada de atenção aos dois alunos da percussão, “ vocês têm que tentar manter o andamento, porque são vocês que lhes dão indicação a eles e me dão a mim!”

e a resposta de um dos alunos foi “ somos importantes!” ao qual eu reforcei, assim como a professora da turma, “ são e muito, todas as partes são importantes mas se essa parte não estiver bem o resto vai tudo atrás!”, eles a partir desse reparo começaram a fazer a sua parte com mais entusiasmo e com o cuidado de faze-lo bem. Embora tivesse visto algum interesse na peça “ Ay linda amiga”, arrisco-me a dizer que esta, das três, pode ter sido a que mais os cativou, pela diversidade (não é só tocar como nas outras duas) por ser uma peça que pede dança, que pede movimento, acabando por ser mais diversificada.

27.Novembro.2013 (aula assistida)

Sumário: Revisão das três peças ensaiadas.

-A aula de hoje teve uma presença invulgar, tendo sido assistida pelo meu orientador, o que surtiu algum efeito na turma, com uma pessoa desconhecida eles acabaram por ter um comportamento calmo (embora não sejam uma turma problemática nem desordeira) tendo dado para serem revistas as três peças planeadas para a apresentação para dia 10 de Dezembro. Umas levaram mais tempo do que outras mas conseguiu-se passar por todas. A ordem de trabalhos desta aula foi: Saltarello, Ay linda amiga e Canon. Existiram algumas situações onde se não fosse a interação da professora da turma os alunos teriam ficado um pouco “ às aranhas”, estando eu a dar atenção a determinados alunos acabei, sem me dar conta, por negligenciar outros. Começando pelo “Saltarello”, foi feito da mesma forma que na aula anterior, ou seja juntando já tudo. Havia uns ligeiros reparos na parte da dança, principalmente porque os dançarinos estavam demasiado mecânicos, não sentiam a música, ou seja não havia atitude por parte deles, limitavam-se a “ arrastar os pés e a contar passos”. “Vocês têm que representar! Serem outra pessoa que não vocês! Façam como se fossem outra pessoa e que essa sim é que está a dançar por vocês!”

Rodamos a peça cerca de quatro vezes para ter a certeza que as coisas ficavam devidamente estruturadas e as duvidas esclarecidas.

A segunda peça, como referi em cima, foi a “Ay linda amiga”. Eles autonomamente, e depois de lhes ter dito para, reorganizaram a sala de aula para a peça, ir buscar instrumentos, baquetas e tirarem as laminas que não necessitam. Enquanto a sala era reorganizada por eles, um dos alunos com necessidades educativas especiais manifestava-se constantemente a questionar se era agora que ir tocar triângulo, tendo acalmado a “euforia” quando lhe disse para ir então buscar o instrumento para

começarmos a tocar, tendo ido até à arrecadação busca-lo de forma autónoma, sabendo o lugar exato do instrumento. Depois de se reorganizarem, com auxílio da gravação, fizemos uma revisão da peça. Tendo sido esta música a mais trabalhada não havia assim grandes dúvidas, a nível geral, só na secção das flautas é que quando esta era ensaiada com a gravação o andamento a que eles tocavam nunca correspondia ao andamento que era feito na gravação, o que dificultava as coisas porque nem com a minha intervenção, ao tentar que eles ouvissem o andamento, eles seguiam, já tinham a musica de tal forma decorada que não conseguiam atrasar o andamento desta. Após se passar a peça uma vez, perguntei-lhes o que é que eles tinham achado, ao qual a resposta era unanime “ Uns tocam mais depressa do que outros”, Não estamos todos a tocar ao mesmo tempo”. Nisto uma aluna pergunta “ Não podemos tocar por grupos?”, “ Não podemos dividir as flautas nos grupos como aprendemos e cada grupo toca a parte que sabe?”. “ Por mim, podemos experimentar, embora eu não desgoste de ouvir todos juntos, vocês com os orff e a gravação vão equilibrando as coisas e vão completando-se uns aos outros. Mas fazemos só flautas, uma vez todos e depois por grupos para vermos como fica.” (respondi-lhes). Tocaram uma vez todos juntos e depois por grupos, organizando-se por auto gestão. No final chegaram à conclusão que por grupos ainda era mais evidente a diferença de velocidades entre os grupos, não esquecendo que a forma como eles soavam era como era porque estavam a tocar sozinhos, assim que os orff integrassem eles não se iam ouvir porque numericamente são muito inferiores. Passamos para a ultima peça, o que com tantas intervenções e experiencias acabou por ser a que menos tempo teve direito, devendo ter sido o contrário. Penso que das três esta é sem dúvida a que eles menos gostam, tendo em conta as reações que sempre têm, de não querer tocar a Canon, de até preferirem tocar as outras duas. Alias os comentários deles revelavam isso mesmo, “ O canon? Essa não!”, “ Já não sei essa stora...”, “ Já não nos lembramos desse.”. Como só uma aluna conseguia tocar esta peça toda, aproveitei-a para poder fazer umas brincadeiras, uns trilos barrocos e alguns mordentes no meio da peça, os restantes alunos que estavam na flauta de bisel faziam uma linha melódica simples em loop. Devido ao tempo que foi dado às outras peças, esta foi só revista uma vez.

04.Dezembro.2013

Sumário: Ensaio no palco, para a apresentação do espetáculo de música antiga.

Organização e preparação do espaço (palco).

- Esta aula teve como foco a organização e preparação espacial do palco, para o espetáculo de dia dez de Dezembro. Foram transportados todos os instrumentos orff necessários para as três peças, assim como flautas de bisel (para quem não tinha) e os boomwhackers. Foi pedido aos alunos que se organizassem e que trouxessem os instrumentos que iriam tocar para serem levados para o palco, assim como as respetivas baquetas. Foi feito um ensaio geral com as três peças e após um erro técnico (falha na leitura do cd com os instrumentais) chegou-se à conclusão que as música ficariam melhor interpretadas se fossem feitas à capela e, embora seja a que os alunos menos gostassem foi o Canon que fez reforçar essa ideia, pela forma como eles a interpretaram, conseguindo “dar vida “ à peça. Decretou-se que a ordem para o espetáculo seria “ Ay linda amiga”, “Canon” e “ Istampitta Saltarello”. Isto numa prespetiva de espetáculo optou-se por esta ordem tendo em conta que a Ay linda amiga é efetivamente a peça que mais foi trabalhada, dá um bom impacto como forma de começar, depois o canon e o saltarello, pela presença da dança e pelo cariz da peça.

Reflexão da aula : A única coisa que correu menos bem nesta ultima aula foi o facto de eu tentar falar e explicar como seriam as coisas e não conseguir ter atenção, e aqui sim tive que usar a “ autoridade” como arma, embora tente não o fazer por diversas razões.

10.Dezembro.2013

Sumário: Ensaio geral e Espetáculo final, apresentação das três peças ensaiadas ao longo do período escolar.

- Como o material já estava todo no palco, começou-se a organizar as coisas para um breve ensaio geral. Para ajudar, e reforçar musicalmente, foi convidado a participar neste pequeno espetáculo um aluno do nono ano que toca requinta (clarinete em mib) e que ajudava fazendo segundas vozes nas peças (exceto no canon). Não havia grandes duvidas nas peças (por parte dos alunos da turma) a única pessoa que poderia ter duvidas era o aluno que do nono ano que veio participar, no entanto após uma rápida leitura das partituras, segundo ele “ já tenho tudo em dedos, isto é fácil”, ou seja as peças não apresentavam ser complicadas para ele, visto ele estudar musica e estar integrado na mesma banda filarmónica que uma das alunas da turma (Rita) e que eu.

Enquanto íamos fazendo o ensaio ele ia sugerindo algumas coisas que podia fazer na requinta, nomeadamente no canon o estar um sistema atrasado, para que houvesse um contraste entre o que os outros alunos estavam a tocar (ostinato melódico)

com o que eu e a Rita tocávamos (a peça toda seguindo partitura). Experimentamos e , sendo um canon, funcionou bem. A fim de não tornar a peça “ mais do mesmo”, um pouco à ultima hora, mas revisto em ensaio geral, questionei alguns alunos se em vez de tocarem flauta se não preferiam declamar o poema, ou seja a letra da peça. Uma das alunas questionadas manifestou-se positivamente em fazer esse papel. Expliquei-lhe de onde é que ela teria que vir e como, tal como mencionei que não havia necessidade de, durante a declamação, esta “ correr”, tinha tempo para declamar o poema todo com calma e “ sem stress”. Este só seria declamado quando a música repetisse e que ela poderia deixar a música avançar um bocadinho e depois começar.

Uma situação que já tinha sido presenciada nas aulas anteriores, era a forma como os alunos terminavam a peça. Nunca terminavam em conjunto, sendo esta uma lacuna que acabou por ficar resolvida, mesmo insistindo com eles que deveriam olhar para mim porque dar-lhes-ia a indicação.

O espetáculo era para ter início às 10h, no entanto acabou por atrasar um pouco. Foi apresentado para, cerca de, quatro turmas, sendo elas dos restantes colegas de educação musicas, para a turma da professora Ana Paula Capitão e para uma turma de Ed. Moral e Evangélica, que também participou (à parte da apresentação da minha turma) com um cântico de Natal, assim como houve a participação de um grupo de dança da escola.

Às 10h os alunos foram chamados para trocarem de roupa e prepararem-se, havendo, para além de trocas de roupa, maquilhagens à mistura.

O espetáculo foi apresentado, ao microfone, pela Professora Ana Paula Capitão que contextualizou o que se iria suceder (mencionando que trata-se de um trabalho de mestrado etc.), enquanto eu ajudava alguns alunos a despacharem-se nos camarins. Entramos em (semi) silêncio no palco (havia sempre um “fornezin”) embora tenha sido falado de como deve ser o comportamento no palco.

A ordem do “ concerto” foi “Ay linda amiga”, “Canon” e “Istampitta Saltarello”.

Já em palco, um dos alunos com necessidades educativas especiais não se dirigiu para o seu lugar e andava “ a vaguear “ pelo palco, embora os seus colegas lhe dissessem para ele ir para o lugar ele ficava a olhar para “ o nada” falando coisas que tinham acontecido. Saí da “ minha posição” e sem grandes alaridos indiquei-lhe o seu lugar no palco, assim como o teu instrumento e a sua baqueta. Fizemos uns minutos de silêncio, como se tratasse de uma “ pausa introdutória” a fim de conseguir algum silêncio por parte do público, como não obtinha, de todo, a resposta que queria,

começamos. À exceção da última música, as entradas foram dadas por mim, sendo na última dada pelos percussionistas que se organizaram entre eles e começavam, ficando cerca de quatro compassos em solo e depois eu dava entrada às flautas e à dança.

Na primeira peça a sonoridade não era má, embora desse a sensação que eles não estavam bem coordenados uns com os outros. Tivemos uma primeira parte da peça meramente instrumental e a segunda parte da peça com declamação poética.

A segunda peça deve ter sido, provavelmente, a que melhor correu, curiosamente é aquela na qual os alunos mais se manifestavam de forma negativa. Tal como a anterior foi tocada à capela, ou seja sem qualquer suporte áudio. A peça começava com a entrada dos baixos que faziam uma sequência melódica, seguida da entrada das flautas e da requinta, seguida da entrada dos restantes orff. Houve uma situação engraçada durante esta música, eles sabiam que deviam conseguir manter o tempo mas que, para além de se ouvir tinham que conseguir ouvir os baixos pois eles é que os orientavam, os baixos, entre todos os outros, eram os que menos estavam a conseguir manter o andamento, gradualmente iam acelerando, embora não tivessem chegado a uma velocidade excessivamente rápida. Embora não fosse do carácter da peça, ficou bem e deu a ideia que eles estavam a gostar do que estavam a fazer e a tirar prazer disso mesmo.

Para terminar, a nossa atuação, com algo diferente deixou-se para último o Saltarello, tendo um carácter mais brincalhão e lúdico, devido à dança. Uma das coisas que me preocupou foi essa mesma, a dança, pois a motivação dos alunos para dançar nunca fora muita e sempre assumiram um papel de desdenho nesse campo. Embora tenha eventualmente havido dança a presença deles (ou de alguns elementos do grupo) em palco era fraca, limitando-se a “ mexer os pés” não dando qualquer tipo de vida nem carácter à dança. Penso que este fora, eventualmente, um ponto fraco que, por mais esforços que eu tenha feito para tentar colmatar, essa lacuna persistiu.

Um dos pontos fortes a apontar nesta atuação foi a organização do espaço, desde cedo foi importante “ incutir” nos alunos o sentido de responsabilidade no que diz respeito aos instrumentos que tinham que tocar e à sua posição espacial (quer em sala de aula quer mais especificamente) no palco, tendo sido logo (na sessão anterior) que eles tinham que se organizar pois seriam eles os responsáveis pela organização e reorganização do espaço quando se mudava de peça, que deviam fixar os lugares que tomam em cada peça e que deviam fazer essa mudança o mais breve e silenciosamente possível para não quebrar o ambiente de espetáculo performativo. O facto é que eles

conseguiram cumprir com essa parte, sem que fosse necessário dar-lhes quaisquer indicação eles reorganizavam o espaço e tomavam os seus lugares para a peça seguinte, esperando que lhes fosse dada entrada para começar.